



A EVOLUÇÃO DA REDE URBANA REGIONAL DE FOZ DO IGUAÇU A PARTIR DO REGIC/IBGE

THE EVOLUTION OF THE FOZ DO IGUAÇU URBAN REGIONAL NETWORK FROM REGIC/IBGE

LA EVOLUCIÓN DE LA RED URBANA REGIONAL DE FOZ DO IGUAÇU A PARTIR DEL REGIC/IBGE

Cláudia Heloiza Conte
Doutoranda em Geografia pela
Universidade Estadual de Londrina
claudiaheloiza@yahoo.com.br

Resumo: Este estudo buscou compreender a evolução da rede urbana regional de Foz do Iguaçu. Para isso, abordou-se a gênese e a estruturação deste núcleo e de sua rede com base nas fases de colonização, com destaque para as transformações ocorridas no espaço urbano da cidade e região a partir da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Realizou-se uma discussão sobre o conceito e as principais características da rede urbana. A partir dos estudos do IBGE (1972; 1987; 1993; 2008), foi possível entender elementos da evolução desta rede urbana, identificar a atual rede regional e a centralidade de Foz do Iguaçu. De acordo com a análise, verificou-se um enfraquecimento da rede urbana de Foz do Iguaçu com o decorrer dos anos, parte das cidades, anteriormente pertencentes a esta rede, passaram a compor a rede urbana regional de Cascavel.

Palavras-chave: Rede urbana, Foz do Iguaçu, Usina Hidrelétrica de Itaipu, Centralidade.

Abstract: This study sought to understand the evolution of Foz do Iguaçu regional urban network. For this, addressed the genesis and structure of this nucleus and its network based on the phases of colonization, highlighting the changes in the city urban space and region, through the construction of the Itaipu Hydroelectric Plant. A discussion on the urban network concept and main characteristics was held. From the studies of the IBGE (1972, 1987, 1993, 2008), it was possible to understand this urban network evolution elements, identify the current regional network, and the centrality of Foz do Iguaçu. According to the analysis, through the years, the Foz do Iguaçu urban network weakening happend, most of the cities, which first belonged to this network, were included in the regional urban network of Cascavel.

Keywords: Urban network, Foz do Iguaçu, Itaipu Hydroelectric Plant, Centralization.

Resumen: Este estudio trata de comprender la evolución de la red urbana regional de Foz do Iguaçu. Para ello, se ha abordado el génesis y estructura de este núcleo además de su red en función de las fases de colonización, destacando los cambios en el espacio urbano de la ciudad y la región a través de la construcción de la represa de Itaipú. Ha empezado una discusión sobre el concepto y las principales características de la red urbana. A partir de los estudios del IBGE (1972, 1987, 1993, 2008), fue posible comprender elementos de la evolución de esta red urbana, identificar la red regional actual y la centralidad de Foz do Iguaçu. Según el análisis, hubo un debilitamiento de la red urbana de Foz do Iguaçu con el

paso de los años. La mayoría de las ciudades anteriormente pertenecientes a esta red se incluyeron en la red urbana regional de Cascavel.

Palabras clave: Red urbana, Foz do Iguaçu, Central Hidroeléctrica de Itaipú, Centralización.

INTRODUÇÃO

A cidade de Foz do Iguaçu vivenciou a partir da década de 1940 um acelerado processo de ocupação das terras, processo este incentivado pelo programa nacional Marcha para o Oeste. Esta ocupação se deu a partir da ampliação dos loteamentos rurais e urbanos e do forte afluxo populacional de migrantes dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que dinamizaram as atividades agropecuárias e urbanas. Neste contexto de acelerada ocupação de terras foi deflagrada a implantação da infraestrutura de transporte, articulando esta área ao estado do Paraná.

Contudo, a partir da década de 1970, o crescente processo de industrialização do Brasil tornou essencial a expansão da infraestrutura de transporte e de energia para dar sustentação ao crescimento do parque industrial nacional. Marco importante deste processo, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, se inseriu nesta dinâmica de transformações da economia brasileira e permitiu o estabelecimento de novas relações econômicas no Brasil e de Foz do Iguaçu com sua rede regional de cidades.

No período compreendido entre as décadas de 1970 e 1990 – quando a Usina Hidrelétrica de Itaipu foi construída no Rio Paraná, Foz do Iguaçu atraiu um enorme contingente populacional, teve sua área urbana fortemente ampliada e ocorreram profundas alterações nas atividades urbanas, tanto no comércio como nos serviços, enquanto a industrialização não teve destaque. Houve forte expansão da oferta de serviços públicos e de infraestrutura urbana, que trouxe a reboque o crescimento das periferias empobrecidas e a ampliação das contradições sociais. O município que tinha uma economia apoiada principalmente nas atividades agropecuárias, passou a ter no turismo, comércio e serviços sua base econômica.

Para atingir os objetivos propostos, o trabalho abordou com base em estudos do tema, uma discussão teórica sobre a rede urbana, as quatro pesquisas do IBGE (1972, 1987, 1993, 2008) e a evolução de Foz do Iguaçu e sua relação com a rede.

REDE URBANA: uma breve discussão

Ao buscarmos por estudos acerca desta temática encontramos uma vasta produção teórica que procurou e procura compreender a rede urbana com base em distintos elementos e/ou categorias analíticas, sendo os estudos sobre a hierarquia urbana os mais numerosos e tradicionais. Christaller, estudioso alemão, em 1933 escreveu a teoria das Localidades Centrais explicando a distribuição de bens e serviços pelas cidades. O autor verificou que existe distinção entre a distribuição de bens e serviços entre as cidades, vinculada diretamente ao tamanho dos núcleos.

As proposições de Christaller referem-se à análise dos núcleos urbanos diversos, entendidos como localidades centrais, nos quais se realizam funções centrais de distribuição de bens e serviços a uma população residente em sua área de influência. Para o autor, as localidades centrais apresentam diferentes níveis de centralidade, enquanto graus variados de importância a partir das funções centrais desempenhadas.

De acordo com a teoria das Localidades Centrais, a rede urbana pode ser compreendida segundo a função das localidades, pois “[...] existem princípios gerais que regulam o número, tamanho e distribuição dos núcleos de povoamento: grandes, médias, pequenas cidades, e ainda minúsculos núcleos semirurais, todos são considerados como localidades centrais” (CORRÊA, 1989, p. 21). Todas as cidades contam com atividades de distribuição de bens e serviços para uma determinada área de influência, ou seja, em posição central perante as demais localidades.

A centralidade de um núcleo é medida pelo seu grau de importância com base em suas funções centrais: maior número delas, maior a sua região de influência, maior a população externa atendida pela localidade central, maior a sua centralidade. Ou seja, a oferta de bens e serviços está relacionada ao tamanho do núcleo e de sua área de influência.

Nesta perspectiva, cabe apontar que entendemos rede urbana enquanto “[...] um conjunto de centros funcionalmente articulados [...]” (CORRÊA, 1989, p. 8), onde é por meio “[...] das numerosas cristalizações materiais diferenciadas do processo de distribuição varejista e de serviços, que se realiza, em um amplo território sob o domínio do capitalismo, a articulação entre produção propriamente dita e o consumo final [...]” (CORRÊA, 1989, p. 20). Ou seja, a rede urbana seria a concretização do mercado de distribuição no sistema capitalista. Sendo assim, Corrêa (1997) a considera que, enquanto estrutura territorial,

a rede de localidades centrais é o que ela é pelo fato de se constituir em uma estrutura territorial da sociedade através da qual se pode verificar a

reprodução de classes sociais distintas tanto entre si como em suas localizações, reprodução esta que interessa à classe dominante localizada [...] (CORRÊA, 1997, p. 24).

Deve-se compreender paralelamente que a gênese e a dinâmica de uma rede urbana fazem parte do processo histórico, conferindo a esta uma natureza social, tornando-a uma dimensão socioespacial da sociedade, refletindo e condicionando a sociedade que a engendrou (FRESCA, 2004). Por isso, a rede urbana é “[...] um produto social, historicamente contextualizado, cujo papel crucial é o de, através de interações sociais espacializadas, articular toda a sociedade numa dada porção do espaço, garantindo a sua existência e reprodução” (CORRÊA, 1997, p. 93).

Considerando a rede urbana como uma dimensão socioespacial da sociedade ou como uma estrutura territorial, os processos de criação, apropriação e circulação do capital excedente, ao ocorrer internamente ou externamente à rede, estão em constantes modificações. Isto se dá pelo fato de estarem também relacionados à divisão territorial do trabalho, que por sua vez, também sofre mudanças com o passar do tempo.

Como consequência das necessidades relacionadas à produção, circulação e consumo no âmbito do capitalismo – decisão, produção, concentração, beneficiamento, armazenamento, venda no varejo, consumo final, e ainda, tendo em vista o alcance espacial máximo e mínimo dos consumidores e empresas no amplo território, “[...] torna-se necessária a existência de vários pontos interferindo no processo de circulação. Estes pontos são os centros urbanos” (CORRÊA 2006, p. 29).

As pesquisas do IBGE e a rede urbana brasileira

Destaque deve ser dado às pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que, apoiadas na teoria das Localidades Centrais e em avanços teóricos, elaboraram importantes estudos para o Brasil. O primeiro, elaborado em 1966 (IBGE, 1972) trabalhou com as regiões funcionais urbanas, fornecendo dados e análises que auxiliaram na compreensão de aspectos da dinâmica da rede nacional, contribuindo também para o planejamento governamental. Este trabalho deu embasamento para a institucionalização das primeiras regiões metropolitanas no Brasil (FRESCA, 2009).

Para alcançar os objetivos traçados, o IBGE utilizou o método de contagem de relacionamentos ou vínculos mantidos entre os centros urbanos em três setores de atividades: fluxos agrícolas, distribuição de bens e serviços à economia e à população. “A linha metodológica do trabalho partiu da concepção de que a cidade não é apenas uma forma, mas

uma estrutura. Esta estrutura é dada pela existência de uma economia básica urbana, capaz de estabelecer laços econômicos entre as cidades e suas regiões” (IBGE, 1972, p. 10).

O segundo estudo elaborado em 1976 (IBGE, 1987) trata-se de uma revisão atualizada do primeiro (IBGE, 1972). No entanto, este teve como quadro referencial a teoria das Localidades Centrais de Christaller, ou seja, considerou-se como base a distribuição de bens e serviços, além das extensões recentes da teoria clássica. Estas extensões podem ser caracterizadas pelos seguintes elementos:

[...] arranjo espacial da rede de centros, caráter temporário de seu funcionamento, a ausência de níveis intermediários de centros na rede, a composição de bens e serviços oferecidos, dimensão da área de influência e volume da população servida por centros do mesmo nível hierárquico e a existência de dois circuitos na rede, um superior e outro inferior (IBGE, 1987, p. 12).

Para a efetivação desta pesquisa o IBGE buscou um quadro operacional que colocasse em evidência a rede de localidades centrais do Brasil no final da década de 1970, rede esta que deveria se caracterizar por diversos arranjos espaciais, pela existência de redes regionais com maior ou menor lacuna de centros intermediários e grande diferenciação entre centros de mesmo nível hierárquico. Para tanto, a pesquisa levou em consideração cinco níveis hierárquicos: metrópole, centro submetropolitano, capital regional, centro sub-regional, centro de zona e centros locais.

A terceira pesquisa elaborada em 1993 (IBGE, 2000) também foi apoiada nas formulações de Christaller, porém nesta ocasião contou com acréscimos teóricos de Corrêa (1982), incorporando discussões sobre redes geográficas e a questão dos fluxos e das interações espaciais. Entre as contribuições de Corrêa, o estudo considerou que se deve ter a compreensão de que sob o modo de produção capitalista, produção, distribuição e consumo desempenham papel de destaque na organização da sociedade e do espaço.

Desta forma, utilizou-se maior diversidade de bens e serviços ofertados pelos núcleos urbanos, os de baixa, média e elevada complexidade relacionados à ampliação da produção e consumo, com o intuito de melhor compreender os fluxos. Para tanto

[...] foram definidas 46 funções centrais (bens e serviços), raras ou frequentes, que constituíram a base de investigação. Das funções centrais, 14 foram consideradas de baixa complexidade e frequentes nas cidades de hierarquia mais baixa ou de menor nível de centralidade. Outras 30 funções foram consideradas como geradoras de fluxos de média a elevada complexidade e definidoras de hierarquias/centralidades mais elevadas que

aquelas primeiras. As duas funções restantes representam os fluxos relativos à busca dos serviços de informação (IBGE, 2000, p. 21).

Com base neste quadro operacional estabeleceram-se as interações espaciais e níveis de centralidade das cidades brasileiras e suas áreas de influência. Para compreender toda a diversidade das localidades centrais existentes no Brasil foram determinados oito níveis de centralidade: máximo, correspondendo ao metropolitano; muito forte, correspondendo predominantemente ao submetropolitano; forte, correspondendo predominantemente à capital regional; forte para médio, correspondendo predominantemente ao centro sub-regional; médio, tendendo a centro sub-regional; médio para fraco, correspondendo predominantemente de centro de zona; fraco, tendendo a centro de zona; e muito fraco, correspondendo a municípios subordinados (IBGE, 2000).

A última destas pesquisas foi elaborada em 2007 (IBGE, 2008), e apresentou várias alterações na interpretação e no uso de variáveis para a compreensão da rede urbana brasileira, fato que causou certa confusão na sua análise em comparação às pesquisas anteriores. O estudo desta vez passou a considerar a introdução de novas tecnologias e as consequentes alterações nas redes técnicas. Para isto, foi utilizada uma gama de variáveis (ausentes nos estudos anteriores), com o intuito de identificar os centros de gestão do território.

Estas variáveis podem ser entendidas por informações de subordinação administrativa no setor público federal, localização das sedes e filiais de empresas, oferta de equipamentos e serviços capazes de dotar uma cidade de centralidade – informações de ligações aéreas, de deslocamentos para internações hospitalares, das áreas de cobertura das emissoras de televisão, da oferta de ensino superior, da diversidade de atividades comerciais e de serviços, da oferta de serviços bancários e da presença de domínio de internet (IBGE, 2008).

Apoiados nestas variáveis foram estabelecidos os fluxos materiais e imateriais, identificando os centros de gestão e a definição das regiões de influência dos centros com base na rede de interações que conectam as cidades (IBGE, 2008). Para tanto, outra hierarquia dos centros foi empregada, desta vez mais complexa e com numerosas subdivisões. Neste sentido, as metrópoles foram subdivididas em grande metrópole nacional, metrópole nacional e metrópole; as capitais regionais em A, B e C; os centros sub-regionais foram divididos em A e B; os centros de zona em A e B, e os centros locais, abrangendo um total de 4.479 cidades. Com esta base teórica o próximo item abordará a evolução da rede urbana de Foz do Iguaçu.

Da gênese à consolidação da rede urbana regional de Foz do Iguaçu

Ao estudar a colonização e a urbanização da região Oeste do Paraná, Reolon (2007) explicita que a ocupação territorial nesta área atravessou quatro fases distintas. A primeira delas diz respeito à ocupação indígena, todavia estes se distribuía também por grande parte do território sul-americano. A segunda fase decorre do período em que os jesuítas se instalaram na região. Já a terceira, iniciada no final do século XIX, está associada à introdução do sistema obragero¹, e finalmente a quarta, refere-se à ocupação efetivada pelas companhias colonizadoras após 1940. Estas fases ocorreram na região Oeste do Paraná como um todo, portanto explica a colonização da rede regional de Foz do Iguaçu.

Destaque deve ser dado para a quarta e última fase da colonização do extremo Oeste do Paraná, já que esta compreende a estruturação da rede urbana em tela. Segundo Zaar (2001, p. 09), esta movimentação tinha dois objetivos centrais: “[...] 1) nacionalizar a área que durante o século XIX, e início do século XX, esteve ocupada por empresas denominadas “obrages”; 2) priorizar a expansão das fronteiras econômicas, em especial as agrícolas do Estado brasileiro [...]”.

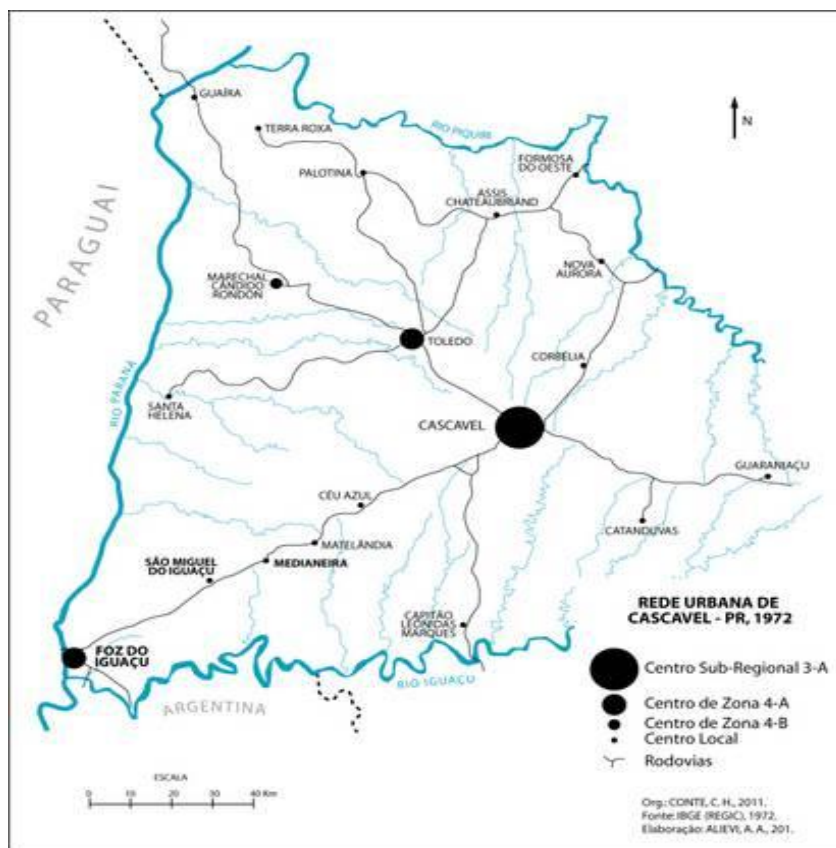
Para alcançar tais objetivos, empresas colonizadoras que atuavam no Rio Grande do Sul foram incentivadas pelo Governo do Paraná a adquirirem terras no Oeste paranaense, iniciando desta forma o processo de colonização. O Oeste paranaense foi a última área a ser colonizada no Estado, e no final da década de 1960 a rede urbana estava estruturada mediante a criação dos núcleos urbanos, com as vias de circulação entre os mesmos por meio da mobilidade populacional, comercialização da produção agrícola, da madeira e de outros bens e serviços, contudo, uma parte dos núcleos ainda não haviam sido elevados à condição de sede municipal.

A formação espacial constituída neste território foi fundada na pequena propriedade rural dos imigrantes europeus, onde se percebe de maneira mais nítida a hierarquia dos

¹ As obrages (termo originário do castelhano) compreendiam propriedades com uma forma de exploração oriunda das regiões que possuíam matas subtropicais e que foram objeto da extração da erva-mate e da madeira em toras. As empresas utilizavam basicamente os paraguaios e indígenas residentes na região como mão de obra braçal. Estes eram explorados e remunerados por mês, geralmente antecipado sob a forma de bens de consumo que lhes garantia o mínimo para a sobrevivência. O trabalhador neste sistema era totalmente dependente do patrão, a ponto de ser obrigado a suprir-se de alimentos, roupas e tudo mais do armazém da obrage, e raramente conseguia pagar o que consumia com o salário que recebia. Este sistema de exploração foi introduzido na província de Misiones, ao norte da Argentina, e também no Paraguai, e se expandiu no Oeste paranaense, pelos vales navegáveis dos rios Uruguai e Paraná.

centros e a própria distribuição de bens e serviços (CORRÊA, 2000). Com base no estudo de 1966 (IBGE, 1972), o mapa 1 apresenta a rede urbana do Oeste paranaense, onde as cidades foram classificadas enquanto centros de relações, levando em consideração o conjunto de vínculos mantidos, os quais estão relacionados à centralidade, bem como à atração da produção agrícola para comercialização.

Mapa 1 - Rede urbana de Cascavel: 1972



Fonte: IBGE, REGIC, 1972

Neste sentido, Curitiba foi considerada como centro macrorregional, exercendo influência em todo o Paraná (exceto a região Norte do estado). Este estudo argumenta que essa rede apresenta certa fraqueza em comparação às demais redes desta porção do país, pois o Oeste do estado ainda é uma região que se encontra em processo de povoamento e valorização agrícola e, além disso, possui centros de emergência e de organização urbana em elaboração (IBGE, 1972, p. 22). Foz do Iguaçu foi considerada como centro local 4A. “Os centros de nível 4, ou centros locais, subordinam-se aos de nível 3 ou se encontram diretamente vinculados aos centros regionais ou às metrópoles, dentro de suas áreas de atuação direta” (IBGE, 1972, p. 16).

Foz do Iguaçu estava vinculada à rede regional de Cascavel, que se apresentava como centro sub-regional 3A. Tendo em vista a ocupação relativamente recente da área, o maior nível hierárquico era o de centro sub-regional e ao mesmo tempo verifica-se um pequeno número de cidades na rede, na medida em que parte dos núcleos ainda eram povoados ou sedes distritais. Por este motivo, o mapa da rede regional tem Cascavel como principal cidade, com a qual os núcleos mantinham relações diversas, embora Foz do Iguaçu já tivesse estabelecido relações com as cidades e povoados mais próximos.

Dando ênfase a Foz do Iguaçu, verifica-se que sob sua influência direta estão apenas os núcleos de Medianeira e São Miguel do Iguaçu. É importante ressaltar que embora nesta pesquisa Foz do Iguaçu apareça com apenas duas cidades subordinadas, neste período o número de ligações nesta rede mostrava-se maior, pois além das cidades citadas existiam os povoados de Diamante do Oeste, Aparecidinha do Oeste (Itaipulândia), Santa Terezinha e São José das Palmeiras. Outras cidades como Céu Azul, Matelândia e Santa Helena foram elevadas a categoria de sede municipal no decorrer da década de 1960, posterior ou durante o período de levantamentos feito pelo IBGE, além da fundação dos povoados de Ramilândia, Missal e Vera Cruz.

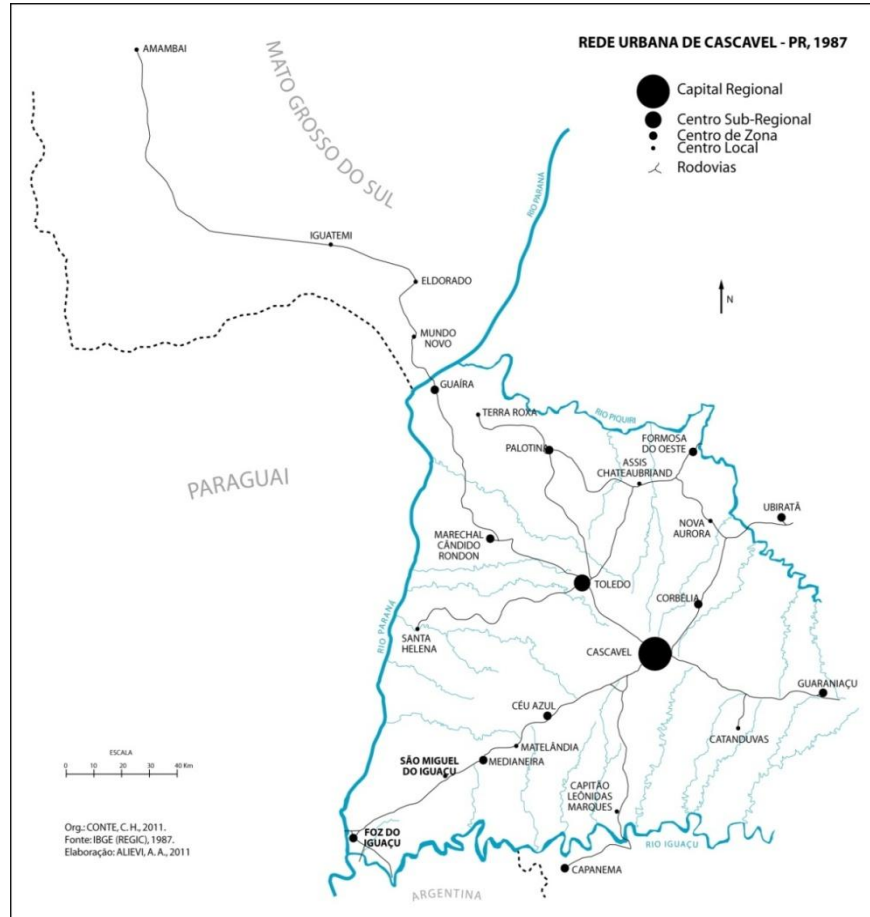
Em 1987 o IBGE publicou o segundo REGIC com dados coletados no final da década de 1970, ou seja, no período de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Verifica-se no mapa a seguir que o quadro foi pouco alterado em relação à primeira pesquisa, realizada no final da década de 1960. O nível metropolitano encontra-se em Curitiba, a cidade de Cascavel foi elevada à categoria de capital regional, enquanto Foz do Iguaçu permaneceu como um centro de zona subordinado a Cascavel. Foz do Iguaçu contava em sua área de influência apenas com a cidade de São Miguel do Iguaçu, já que Medianeira passou a constituir área de influência de Cascavel.

A elevação de Cascavel para capital regional está relacionada à importância que a cidade recebeu enquanto distribuidora de bens e serviços para as demandas de Itaipu. No início da década de 1970, Cascavel era a cidade mais aparelhada do Oeste paranaense no que diz respeito à infraestrutura e funcionalidade. Desta forma, e atrelada à proximidade com Foz do Iguaçu, durante os primeiros anos de construção da usina, Cascavel tornou-se sua base de distribuição.

Ligado a este fato observa-se que Cascavel teve sua rede de cidades ampliada, pois além dos núcleos já encontrados sob sua influência em 1966, nesta pesquisa verificam-se

ligações com as cidades de Mundo Novo, Eldorado, Iguatemi e Amambai, no Mato Grosso do Sul (Mapa 2).

Mapa 2 - Rede urbana de Cascavel: 1987



Fonte: IBGE, REGIC, 1987

No momento em que os governos brasileiro e paraguaio anunciaram que seria construída a usina de Itaipu, ou seja, no início da década de 1970, muitas pessoas, inclusive da imprensa dos grandes centros urbanos do país, pouco conheciam sobre a existência de Foz do Iguaçu no extremo Oeste paranaense. De forma geral corria a notícia de que ali se encontravam as Cataratas do Iguaçu, por outro lado, praticamente nada se sabia sobre a cidade.

A partir daquele momento, o universo da fronteira se coloca como uma alternativa muito ampla para milhares de brasileiros de diversas regiões e com diferentes formações profissionais, inclusive para a grande maioria, despossuída de qualquer qualificação. Todos tinham como objetivo a busca por trabalho, acreditando que a sua inserção naquele grande

projeto de barragem, mesmo que de forma indireta, era a melhor opção para enfrentar as dificuldades de sobrevivência. Do dia para a noite milhares de pessoas começaram a chegar à cidade. Vinham em grupos, e todos os dias chegavam dezenas de ônibus cheios de homens provenientes de todas as regiões do Brasil com a esperança de serem absorvidos pela obra.

Sotuyo (1998) aponta que do total das pessoas que vieram, 25% a 30% permaneceram na cidade sem conseguir emprego. A grande migração, muito além da esperada, não permitiu uma preparação adequada na oferta de equipamentos sociais e de infraestrutura básica capazes de atender a todo este contingente, ocorrendo uma visível transformação do espaço urbano de Foz do Iguaçu.

Para se ter dimensão desta realidade basta verificar que no ano de 1970, de acordo com dados do Anuário Estatístico de Foz do Iguaçu (1992, p. 198), a cidade possuía uma densidade demográfica de 38,69 habitantes por km², sendo que grande parte da população já se encontrava na área urbana, ou seja, dos 33.970 habitantes, 20.150 formavam o quadro urbano. Em contrapartida, no ano de 1980, cinco anos após o início da construção de Itaipu, a população passou a ser de 136.320 pessoas, sendo que destes, 101.330 viviam na área urbana, cuja densidade demográfica saltou para 216,38 hab./km².

Neste sentido, Santos (2008) aponta que no momento em que uma nova atividade é criada em um lugar ou quando uma atividade já existente aí se estabelece, o valor do lugar é alterado. Ou ainda, quando a forma de exercer uma atividade preexistente é modificada, cria-se no conjunto das localidades que também exercem tal atividade um desequilíbrio qualitativo e quantitativo.

Consequente à diminuição das tarefas necessárias no canteiro de obras, Itaipu iniciou o processo de demissão de funcionários. Uma multidão de ex-trabalhadores, juntamente com aqueles que não foram absorvidos pela empresa binacional nem pelos consórcios de empreiteiras, se agregaram ao já tumultuado espaço da fronteira, disputando os poucos imóveis de aluguel ou buscando alternativas que pudessem mantê-los até que a situação do país melhorasse e se reativassem a oferta de empregos.

Neste contexto, ocorreu um significativo incremento do comércio de fronteira, principalmente de Ciudad Del Este para Foz do Iguaçu, onde muitos brasileiros passaram a

² Para Catta (2009, p.232) “Foz do Iguaçu, guardadas as devidas proporções, experimentou, como as metrópoles do começo do século passado, um crescimento muito rápido em um curto período de tempo, perdendo a sua identidade, sendo sua população engolida pelo turbilhão das novidades que se avolumavam a cada dia, apresentando sempre um ineditismo que, entretanto, não era usufruído por todos”.

buscar produtos na primeira para serem revendidos na segunda, aumentando com o tempo o campo de atuação.

Atrelado ao fortalecimento comercial no Paraguai ocorreu a melhoria e/ou crescimento dos setores comerciais e de serviços em Foz do Iguaçu na década de 1980, de acordo com a tabela que segue.

Tabela 1 - Estabelecimentos comerciais, de prestação de serviços e pessoal ocupado em Foz do Iguaçu: 1980/1985

Setor	1980		1985	
	Estab.	Pessoal Ocupado	Estab.	Pessoal Ocupado
Comércio Varejista	848	5.298	1.105	5.807
Tecidos, vestuários e armarinho	221	1.144	305	1.420
Veículos e peças	70	477	93	661
Alimentos e mercadorias em geral	49	797	39	721
Demais gêneros	508	2.880	668	3.005
Comércio Atacadista	50	566	132	1.058
Total	898	5.864	1.237	6.865
Serviços				
Alojamento	90	1.244	93	2.558
Alimentação	193	1.344	475	1.681
Manutenção, Reparação e Instalação	103	648	219	811
Demais Gêneros	197	2.654	270	2.416
Total	583	5.890	1.057	7.466

Fonte: Censos Econômicos: Municípios, IBGE, 1985 (1991).

De acordo com os dados, verifica-se crescimento do setor comercial em Foz do Iguaçu. Em cinco anos os estabelecimentos saltaram de 898 para 1.237, enquanto o número de pessoas ocupadas cresceu de 5.864 para 6.865. De modo geral ocorreu crescimento do número de estabelecimentos ligados ao comércio varejista, com exceção para os

estabelecimentos de alimentos e mercadorias em geral, que passaram de 49 em 1980 para 39 em 1985. Destaque deve ser dado ao comércio atacadista, que no espaço de cinco anos contou com a abertura de 339 novos estabelecimentos. Isto se justifica pela infraestrutura adquirida pela cidade durante a construção de Itaipu, além da demanda de produtos pelos municípios próximos.

No que diz respeito ao setor de prestação de serviços, o crescimento se deu em todos os segmentos. O segmento de alojamento foi o que menos cresceu, contudo, verifica-se o aumento de 48,63% de pessoas ocupadas. Esta constatação está relacionada à ampliação e melhoria dos serviços dos estabelecimentos já existentes, assim como o aumento de turistas, fato que demanda maior número de mão de obra.

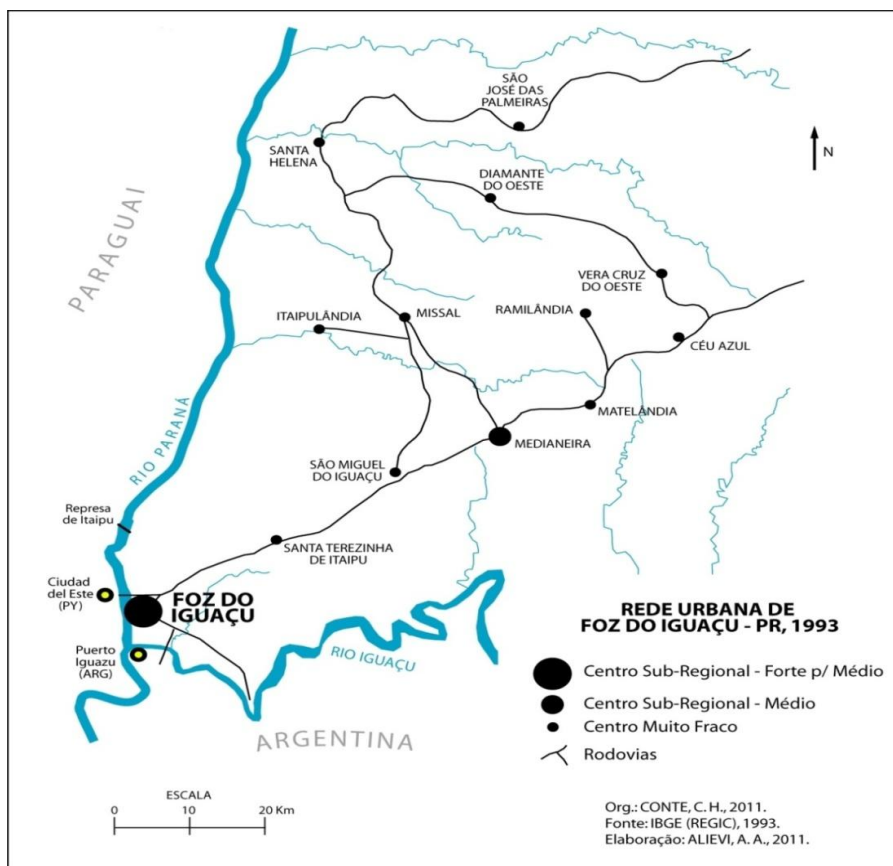
Em cinco anos, os estabelecimentos ligados à alimentação cresceram 40,63%, os de manutenção, reparação e instalação cresceram 47,03% e os estabelecimentos variados cresceram na ordem de 72,96%. Com todo este crescimento do setor, 1.576 novas pessoas passaram a trabalhar na prestação de serviços.

Em 1993 o IBGE publicou a terceira pesquisa do REGIC, cujos dados são do final da década de 1980. Nesta ocasião se observa alterações em relação à pesquisa anterior: Curitiba continua exercendo papel de nível metropolitano, Cascavel de capital regional (forte), enquanto Foz do Iguaçu ganha posição na rede, sendo classificada como centro sub-regional (forte para médio). Subordinada diretamente a Foz do Iguaçu verifica-se a cidade de Santa Terezinha de Itaipu, esta na condição de centro local. Entretanto, encontra-se sob influência de Foz do Iguaçu a cidade de Medianeira, tendendo a centro sub-regional (nível médio) e a ela estão subordinados os demais centros locais: Céu Azul, Diamante do Oeste, Itaipulândia, Matelândia, Missal, Ramilândia, Santa Helena, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu e Vera Cruz do Oeste.

De acordo com o mapa 3, observa-se que a rede urbana de Foz do Iguaçu foi ampliada, pois neste momento a cidade aparece com um nível de centralidade superior em relação à última pesquisa. Como consequência do fortalecimento de Foz do Iguaçu mediante ampliação e/ou criação de suas funcionalidades, o município tornou-se apto a fornecer bens e serviços para grande parte dos núcleos anteriormente subordinados a Cascavel.

É neste momento, ainda sob influência das recentes transformações advindas da construção de Itaipu, que Foz do Iguaçu consolida sua rede regional de cidades, desvinculando-se de Cascavel e tornando-se a cidade mais importante da rede.

Mapa 3 - Rede urbana regional de Foz do Iguaçu: 1993



Fonte: IBGE, REGIC, 1993

Em relação às cidades desta rede regional é importante destacar que a grande maioria, mesmo que em proporções menores, passaram por transformações advindas da construção de Itaipu. Com a formação do reservatório, alguns municípios perderam terras, população e renda. Por outro lado, muitos trabalhadores dispensados de seus trabalhos na Usina Hidrelétrica de Itaipu buscaram em cidades menores da rede melhores oportunidades de trabalho e de sobrevivência.

É importante considerar a dinâmica de transformação na rede urbana, que é derivada dos complexos processos de criação e evolução dos seus centros urbanos, marcados por uma evolução urbana desigual, vinculada a um desigual espaço-temporalidade dos processos sociais, resultantes das tendências contraditórias para a convergência e divergência. É desta forma que as redes urbanas distinguem-se umas das outras, já que são determinadas pela complexidade genética e através de suas estruturas dimensionais, espaciais e funcionais, onde a combinação, num certo espaço-tempo, caracterizam-nas e as distinguem (BESSA, 2007).

Após passar por um conjunto de transformações socioespaciais advindas da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, Foz do Iguaçu fortaleceu e desenvolveu uma série de atividades econômicas que lhe proporcionaram importante colocação na rede urbana.

Neste sentido, observa-se que em 2010 existiam em Foz do Iguaçu 2.488 estabelecimentos prestadores de serviços, sendo 22,26% representados por estabelecimentos do setor de alojamento e alimentação; 19,33% por atividades administrativas e serviços complementares; 13,54% por transportes, armazenagem e correio; 12,37% por saúde humana e serviços sociais; 9,88% representados por outras atividades de serviços; 6,39% por atividades profissionais, científicas e técnicas; 5,02% por educação e 11,17% dos serviços ofertados em Foz do Iguaçu estão ligados às atividades de informação e comunicação, financeiras, de seguros, imobiliárias, administração pública, defesa e seguridade social, arte, cultura, esporte e recreação, serviços domésticos e organismos internacionais.

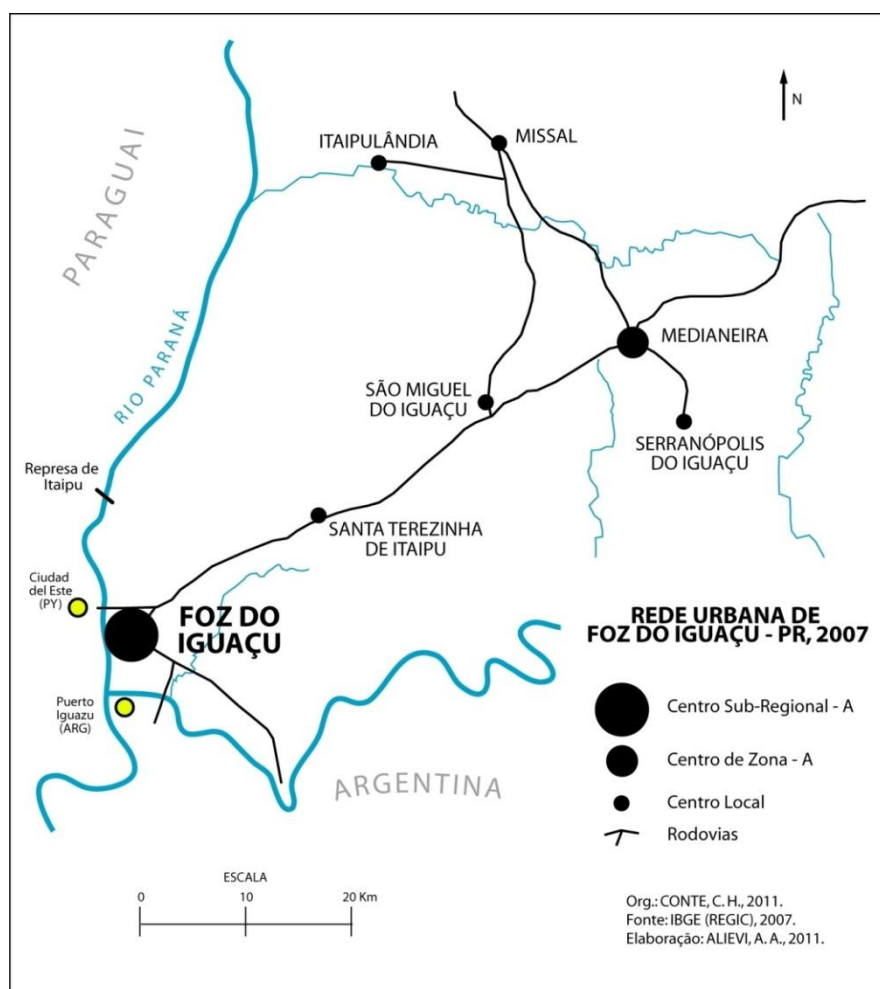
Tabela 2 - Atividades de serviços e número de estabelecimentos em Foz do Iguaçu: 2010

Atividades	Estabelecimentos
Transporte, armazenagem e correio	337
Alojamento e alimentação	554
Informação e Comunicação	80
Financeiras, de seguros e relacionados	61
Imobiliárias	45
Profissionais, científicas e técnicas	159
Administrativas e serviços complementares	481
Administração pública, defesa e seguridade social	10
Educação	125
Saúde Humana e serviços sociais	308
Arte, cultura, esporte e recreação	69
Outras atividades de serviços	246
Serviços domésticos	12
Organismos internacionais	1
Total	2.488

Fonte: MTE/RAIS, 2010.

Paralelo à expansão do setor de serviços ocorreu à expansão das atividades de comércio em Foz do Iguaçu, totalizando 2.779 estabelecimentos comerciais no ano de 2010 (MTE/RAIS, 2010). A expressividade do setor terciário em Foz do Iguaçu é percebida através da difusão dos supermercados, shopping center e pelas novas atividades ligadas ao comércio. Um exemplo disso é o Cataratas J.L Shopping inaugurado em outubro de 2007; o shopping possui 60.000 m², dos quais 23.000 m² configuram-se em área bruta lucrável, representado por 172 lojas, das quais sete são âncoras, contando com a circulação mensal média de 400.000 pessoas³. Contudo, ao observar o mapa a seguir, verificam-se profundas alterações na rede urbana regional de Foz do Iguaçu.

Mapa 4 - Rede urbana de Foz do Iguaçu: 2007



Fonte: IBGE, REGIC, 2011.

³ Informação cedida pelo gerente comercial do shopping.

Observa-se que Foz do Iguaçu, por mais complexa que seja do ponto de vista de suas atividades comerciais e de seus serviços, ainda é considerada um centro sub-regional A. Sua rede urbana regional, de acordo com o IBGE (2008), perdeu seis cidades em relação à pesquisa de 1993: Matelândia, Ramilândia, Céu Azul, Vera Cruz do Oeste, Diamante do Oeste, Santa Helena e São José das Palmeiras. Estas cidades passaram a compor a rede urbana regional de Cascavel, mesmo constatando que algumas delas continuam utilizando os serviços e o comércio de Foz do Iguaçu.

Sua localização no extremo Oeste paranaense e a existência de pequeno número de municípios sob sua influência, indicam que esta rede urbana regional mantém uma dinâmica, contudo, de forma limitada aos sete municípios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto das relações econômicas e sociais estabelecidas desde a gênese de Foz do Iguaçu até a década de 1970 aponta que suas atividades comerciais e prestadoras de serviços, mesmo sendo pouco diversificadas, quantitativa e qualitativamente, atendiam necessidades imediatas de bens e serviços diários de sua população urbana e rural, bem como de cidades de sua rede urbana, principalmente aquelas localizadas mais próximas a Foz do Iguaçu.

Após os anos de 1970, marcado pelo início das obras da Usina Hidrelétrica de Itaipu, ocorreu uma série de alterações socioespaciais. Todo o processo de construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu – desde os estudos técnicos de verificação da melhor localização para a construção, da chegada de milhares de pessoas na busca por oportunidades de trabalho, até as alterações ocorridas na cidade de Foz do Iguaçu – trouxe inúmeras implicações.

A cidade e sua rede passaram de uma situação de convergência – até o início dos anos de 1970, caracterizada pela produção rural, por atividades comerciais e de prestação de serviços básicos para sua área de influência, para uma condição de divergência, cujas dinâmicas econômica, social e política, dentre outras, passaram por mudanças. A começar pela chegada de mais de 100 mil novos moradores atraídos pelos empregos oferecidos pela usina, proporcionando o aumento da construção civil, tanto pela própria Itaipu como por construtoras e poder público local, os quais construíram novas habitações, escolas, hospitais, além da ampliação do centro comercial e de prestação de serviços.

No decorrer das pesquisas verificamos que a rede urbana regional de Foz do Iguaçu é uma rede com poucos núcleos urbanos, apresentando uma distância relativamente elevada entre os mesmos, se comparado a outras redes regionais do Paraná. Isso está relacionado com

o processo de ocupação, visto que até a década de 1940 poucos foram os núcleos criados. Após 1940, os processos de ocupação das terras foram pautados em loteamentos rurais – com predomínio de pequenos estabelecimentos – rurais e urbanos, mas como já havia melhor infraestrutura de transporte sendo estabelecida, criaram-se menos núcleos urbanos e a distância entre eles foi maior.

Além da presença de poucos núcleos nesta rede regional de cidades, cabe apontar que Cascavel, distante 144 quilômetros de Foz do Iguaçu, desde meados da década de 1970, por meio do fornecimento de bens e serviços para Itaipu, constituiu-se na principal cidade do Oeste paranaense. Esta constatação, vinculada ao fato de Cascavel ser uma cidade com importante setor industrial, forte atuação no agronegócio e possuidora de um amplo e diversificado setor comercial e de serviços, atende muitas das cidades que estão na área de influência de Foz do Iguaçu, diminuindo ainda mais a área de atuação da segunda. Neste sentido, se observarmos a rede urbana regional do final da década de 1980 (IBGE, 1993), verificamos que naquela ocasião Foz do Iguaçu contava com 12 cidades em sua rede; em 2007 (IBGE, 2008) observa-se considerável diminuição dos núcleos pertencentes a esta rede, contando com apenas seis cidades em sua área de influência.

Foz do Iguaçu foi considerada, em 2007, como um centro sub-regional, com relações econômicas e sociais relativamente restritas com as demais cidades. Seu amplo e diversificado setor comercial e prestador de serviços atende em maior proporção Santa Terezinha de Itaipu, considerada uma cidade conurbada com Foz do Iguaçu (IPARDES, 2008). São Miguel do Iguaçu, Itaipulândia e Missal têm ligações diretas e constantes com Foz do Iguaçu, enquanto Medianeira divide-se entre Foz do Iguaçu e Cascavel, optando, em muitos casos, pelo consumo na segunda, já que a distância entre ambas é praticamente a mesma em relação a Foz do Iguaçu. A presença de poucas cidades em sua área de influência, a distância entre os núcleos e a presença de Cascavel reforçam a compreensão de uma centralidade relativamente fraca e restrita quanto ao papel exercido por Foz do Iguaçu na rede regional de cidades.

REFERÊNCIAS

- BESSA, K. C. **A dinâmica da rede urbana no triângulo mineiro:** convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia. Uberlândia: Composer, 2007.
- CATTA, L. E. **A face da desordem:** pobreza e estratégias de sobrevivência em uma cidade de fronteira (Foz do Iguaçu / 1964 – 1992). São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.
- CORRÊA, R. L. Repensando a teoria das localidades centrais. In: SANTOS, M (Org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1982.

- CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.
- CORRÊA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CORRÊA, R. L. Rede urbana e formação espacial: uma reflexão considerando o Brasil. **Território**, Rio de Janeiro, v.8, p.121-129, jan/jun, 2000.
- CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. Jena: Fischer, 1933.
- FRESCA, T. M. **A rede urbana do norte do Paraná**. Londrina: Eduel, 2004.
- FRESCA, T. M. **Rede urbana, níveis de centralidade e produção industrial**: perspectivas para um debate. ENCUESTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 12, 2009, Montevideo. Anais... Montevideo, 2009.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico – Brasil: 1970**. v.1. Rio de Janeiro, 1972.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Regiões de Influência das Cidades**. 1993. Rio de Janeiro, 2000.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Regiões de Influência das Cidades**. 2007. Rio de Janeiro, 2008.
- IPARDES. **Os Vários Paranás** - oeste paranaense: o 3º espaço relevante. Curitiba, 2008.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU. **Anuário Estatístico 1990**. Foz do Iguaçu, 1992.
- REOLON, C. A. Colonização e urbanização da mesorregião oeste do Paraná (1940-2000). **RAÍÇA**, Curitiba, n. 13, p. 49-57, 2007.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SOTUYO, P. C. G. **Segregação urbana**: estudo de caso das vilas de Itaipu. Dissertação (Mestrado). 1998. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- ZAAR, A. A migração rural no oeste paranaense/ Brasil: A trajetória dos “Brasiguaios”. **Scripta Nova**, Barcelona, n.94 (88). Ago.2001. Disponível em: < www.ub.es/gecrit/sn-94-88.htm >. Acesso em: 16 abril 2010.

Recebido em 04 de fevereiro de 2014
Aprovado em 25 de setembro de 2014